

**Fialho de Almeida**



*A cidade  
do vicio*

**Fialho de Almeida**

# **A cidade do vício**

**Edição enriquecida. Uma jornada pelas sombras da Lisboa decadente do século XIX**

*Introdução, estudos e comentários por Elisa Moura*



Editado e publicado por Good Press, 2022

[goodpress@okpublishing.info](mailto:goodpress@okpublishing.info)

EAN 4064066412814

# Índice de conteúdo

[Introdução](#)

[Contexto Histórico](#)

[Sinopse \(Seleção\)](#)

**[A cidade do vício](#)**

[Análise](#)

[Reflexão](#)

[Citações memoráveis](#)

# Introdução

[Índice de conteúdo](#)

A cidade do vício reúne, num só arco, um conjunto de narrativas breves de Fialho de Almeida que expõem, com rara acuidade, as sombras morais e os fulgores sensoriais do fin-de-siècle português. Não se trata de romances completos nem de teatro reunido, mas de uma seleção de ficção curta que evidencia uma poética de observação implacável e de imaginação febril. O propósito desta coleção é oferecer um percurso coerente, em que a cidade — real ou sugerida — funciona como organismo e pretexto, palco e máscara, permitindo reconhecer o gesto crítico, a voltagem lírica e a veia satírica que tornaram o autor uma referência da prosa de fim de século.

Os textos aqui coligidos pertencem sobretudo ao domínio do conto e da narrativa curta, com incursões na crónica de costumes e no esboço de atmosfera, formas que Fialho dominou com precisão sensorial e nervo analítico. Não há poesia, cartas ou diários, e o volume não pretende servir como edição crítica exaustiva. Antes propõe um núcleo representativo, onde a concisão do conto, a vibração da vinheta urbana e a densidade da alegoria moral se articulam. Assim, cada peça se oferece como fragmento energético de um retrato maior, mantendo a autonomia estética e sugerindo, em conjunto, um mapa da experiência moderna.

Ao longo destas páginas, a cidade apresenta-se como circuito de apetites, máscaras e expedientes: ruas onde a

noite concentra inquietações, margens de rio que devolvem reflexos equívocos, interiores onde a mesa, a música ou o silêncio precipitam revelações. A simples premissa de um encontro noturno, de um jantar num moinho ou de um breve extravio basta para que a engrenagem social se ponha a nu. Sem recorrer a intrigas grandiloquentes, Fialho faz da observação minuciosa e da sugestão uma forma de anatomia moral, expondo o que pulsa por baixo da rotina: fome, desejo, crédito, medo e a retórica do prestígio.

A marca estilística é inconfundível: ironia cortante, imagética de alta voltagem, ritmos que alternam violência e arabesco. A plasticidade verbal convive com um olhar naturalista que, porém, aceita a sombra do delírio e da decadência, criando um pacto de lucidez e vertigem. Elementos musicais — explícitos ou subterrâneos — atravessam a coleção, da sinfonia que abre o gesto de orquestração ao retrato de um instrumentista cuja arte dialoga com a ruína. A frase, muitas vezes sinuosa, procura a pulsação do corpo e da rua, fazendo da cadência um argumento crítico e da metáfora uma ferramenta de desmascaramento.

As figuras que emergem — pequenos proprietários, cidadãos em trânsito, trabalhadores, músicos, devotos, oportunistas — compõem um teatro social sem maniqueísmos fáceis. Um herdeiro rural visto à contraluz, um tocador de rabeça que resiste ao esquecimento, uma devoção filtrada por luto íntimo, um incidente doméstico que inverte hierarquias: são pontos de partida para estudos de caráter e ambientes. Espaços como o campo-santo, o mercado, a taberna, o moinho e a sala burguesa funcionam

como câmaras de eco onde a linguagem pesa, fere e seduz, revelando a precariedade de valores declarados e a persistência de práticas subterrâneas.

A atualidade destas páginas não reside apenas no retrato de costumes, mas na clarividência com que denunciam mecanismos que persistem: sedução do consumo, espetáculo do sucesso, precariedade afetiva e material, promessas de ascensão que escondem novas dependências. Ler Fialho hoje é confrontar a gramática do vício como forma de organização social, em que o excesso, a fome e a necessidade se disfarçam de mérito e virtude. A crítica é dura, mas não desprovida de compaixão; há atenção ao corpo vulnerável e à dignidade possível, mesmo quando a linguagem rasga o verniz das aparências com fulgor quase clínico.

Sem pretender esgotar a obra de Fialho de Almeida, esta coleção oferece um itinerário denso e coerente pelo seu laboratório de estilos e obsessões. O leitor encontrará contos independentes que dialogam entre si, formando variações sobre um mesmo tema: a cidade como circuito do vício e da revelação. Opta-se por não adiantar enredos, preservando a experiência de descoberta que os textos pedem. Importa, antes, preparar o ouvido e o olhar: a música da frase, o corte da imagem e a arquitetura das situações sustentam a atualidade crítica do conjunto e justificam a permanência do seu inquietante brilho.

# Contexto Histórico

## [Índice de conteúdo](#)

Publicada no remate do século XIX, a coleção A cidade do vício de Fialho de Almeida nasce no cruzamento do Realismo-Naturalismo e do decadentismo finissecular. Em diálogo com Eça de Queirós e com a matriz determinista de Émile Zola, Fialho (1857-1911), alentejano radicado em Lisboa e cronista da imprensa satírica, volta-se para a metrópole como laboratório moral. O ambiente pós-Regeneração e o desencanto da Geração de 70 moldam o olhar clínico e corrosivo que perpassa narrativas como Noite no Rio, O Roubo ou Jantar no Moinho, onde a cidade surge como organismo febril e palco de vícios reiterados.

A Lisboa que serve de cenário foi profundamente reconfigurada pelo urbanismo de Frederico Ressaio Garcia: a abertura da Avenida da Liberdade (1886), a canalização do Alviela (1880) e a modernização do saneamento ampliaram contrastes entre boulevards e pátios insalubres. Os carros americanos desde 1873 e, depois, os elétricos em 1901 multiplicaram fluxos noturnos, nutrindo casas de pasto, teatros e bordéis. Nesse circuito, episódios de Noite no Rio e Jantar no Moinho captam a sociabilidade híbrida de elites e proletários. A regulação policial da prostituição e das tabernas, tema recorrente, confere às histórias um fundo documental sobre controlo dos corpos e da rua.

A década de 1890 foi marcada pela crise financeira do Estado, culminando na moratória de 1892, e por mobilização operária inspirada pelo socialismo e pelo

anarquismo, com greves e a revolta republicana do Porto em 31 de janeiro de 1891. A pobreza urbana, agravada por migrações internas, alimentou economias informais e pequenos delitos. Em *O Roubo* e *O Homem da Rabeca* ecoa essa precariedade, enquanto *A Indigestão* e *A Camisa* revelam a materialidade crua da fome e do vestuário remendado. O tom acerbo de Fialho, longe do moralismo piedoso, converte esses sintomas sociais em cenas densas de fisiologia do quotidiano.

Em 1890, o Ultimato britânico feriu o orgulho nacional e catalisou uma vaga de sátira e de crítica às elites, de que são emblemáticos os desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro e os poemas de Guerra Junqueiro em *Finis Patriae*. Fialho alimentou esse clima nas crónicas de *Os Gatos*, afinando um verbo corrosivo que atravessa *Symphonia de Abertura*. O desencanto político, somado ao ceticismo anticourtês, ressoa em *Mephistopheles* e *Margarida*, onde a sedução do poder e do dinheiro encontra contracampo na ruína moral. A receção contemporânea oscilou entre o aplauso pelo vigor cívico e acusações de exagero panfletário.

O imaginário religioso e fúnebre, forte em *Mater Dolorosa* e *Madona do Campo Santo*, dialoga com a cultura devocional oitocentista e com a modernização laica. A expansão dos cemitérios urbanos de Prazeres e de Alto de São João desde 1833 e a popularidade de procissões marianas intensificaram a visibilidade do luto. Contudo, a crítica anticlerical — reavivada após o Concílio Vaticano I (1870) e adensada pela propaganda republicana — combateu confrarias e milagres. A peste bubónica no Porto em 1899, gerida por médicos higienistas como Ricardo

Jorge, expôs tensões entre ciência e ritual, terreno fértil para o sarcasmo compadecido de Fialho.

As narrativas com ancoragem rural — *Os Novilhos*, *O Morgado*, *Abandono do Pombal* — refletem a erosão das hierarquias agrárias após a extinção dos morgadios (1863) e as crises agrícolas da filoxera, que desde a década de 1870 devastou vinhas no Douro e no Alentejo. Latifúndios mecanizados coexistiam com jornaleiros sem direitos, acelerando migrações para Lisboa e o Brasil. A figura do morgado, obsoleta, encarna hábitos perdulários e tutela clientelar em dissolução. O pombal abandonado torna-se emblema da ruína de patrimónios e de simbologias senhoriais. Entre a nostalgia e o inventário cru, Fialho capta o fim de um mundo sem idealizá-lo.

O ambiente higienista que redesenhou mercados e hábitos alimentares, com a renovação do Mercado da Ribeira (1882) e o controlo municipal de matadouros, atravessa a atenção de Fialho aos corpos. O autor, formado em medicina dentária, adota léxico clínico para radiografar vícios e enfermidades sociais. Em *A Indigestão*, a fisiologia do excesso torna-se parábola moral, enquanto cenas de pobreza dietética ou de matança em *Os Novilhos* revelam dietas desiguais e violência banalizada. A influência do positivismo e da medicina social legitima o olhar de laboratório, sem impedir fulgurações simbólicas que aproximam os quadros do grotesco e do sublime.

A cultura do espetáculo, do Teatro de São Carlos às verbenas, fornece moldura a *Mephistopheles e Margarida* e a *O Homem da Rabeca*, revelando passagem fluida entre alta ópera — *Faust*, de Gounod, recorrentemente encenado

— e música de rua. A emergência do cinematógrafo desde 1896 e da imprensa ilustrada ampliou públicos para narrativas de choque moral como as de *Symphonia de Abertura*. Entre processos por crime de imprensa e aplausos republicanos, a recepção reconheceu em *A cidade do vício* um inventário inquieto da decadência monárquica. À beira de 1910, essas páginas soaram como alerta e como arquivo sensorial da modernidade.

# **Sinopse (Seleção)**

[Índice de conteúdo](#)

## **Aberturas e noturnos urbanos**

Symphonia de Abertura e Noite no Rio traçam o painel inicial da cidade do vício, alternando o tumulto diurno com a deriva noturna à beira-d'água.

O tom é orquestral e sombrio, com prosa musical e imagens de penumbra; anuncia-se a passagem do panorama amplo para vinhetas mais cortantes e íntimas.

## **Crimes miúdos e coisas de vestir**

O Roubo e A Camisa expõem pequenas transgressões e fetiches materiais que revelam a economia moral de personagens sitiadas por desejo e necessidade.

A sátira é seca e roça o grotesco observacional, com foco em objetos e gestos que desnudam hipocrisias sociais.

## **À margem e o pacto tentador**

O Homem da Rabeca e Mephistopheles e Margarida aproximam a música de tentações sombrias, contrapondo a fragilidade da arte a promessas de poder.

Entre alegoria e realismo áspero, o autor combina compaixão e ironia, tensionando os limites entre dignidade e queda moral.

## **Iconografias do luto**

Mater Dolorosa e Madona do Campo Santo usam imagética sacra e cemiterial para encenar dor íntima e ritual coletivo.

O tom é elegíaco e desmistificador, explorando a teatralidade do luto e insinuando crítica às aparências devotas.

### **Sátiras de mesa e corpo**

A Indigestão e Jantar no Moinho fazem do comer um espetáculo social onde gula, etiqueta e ressentimento fermentam.

O fisiológico vira metáfora de classe em humor negro de forte detalhe sensorial, marca recorrente do naturalismo mordaz do autor.

### **Campo em declínio**

Os Novilhos, Abandono do Pombal e O Morgado focalizam o mundo rural em erosão, do rebanho e pombais à nobreza exausta.

A prosa alterna rusticidade e sátira fina para expor o ocaso de hierarquias e afetos, prefigurando o contraste persistente entre província e cidade.

# **A CIDADE DO VICIO**

## **Índice Principal**

SYMPHONIA DE ABERTURA

OS NOVILHOS

NOITE NO RIO

ABANDONO DO POMBAL

O ROUBO

O HOMEM DA RABECA

MATER DOLOROSA

MEPHISTOPHELES E MARGARIDA

A CAMISA

O MORGADO

MADONA DO CAMPO SANTO

A INDIGESTÃO

JANTAR NO MOINHO

# SYMPHONIA DE ABERTURA

## Índice de conteúdo



Insupportavel, em Lisboa—o thermometro subindo sem attender a supplicas, subindo e putrefazendo tudo, os despojos subterraneos e a frescura das mulheres, a carne de venda a retalho e a carne de aluguer, os artigos dos jornaes diarios e os artigos alimenticios. Em Lisboa transpira-se muito, pela pelle e pelos criados[1q]. E ás vezes, sob o influxo de uma hora de sol ou publicidade, qualquer pessoa se arrisca a ficar com a roupa alagada, e com a reputação em fanicos.

No verão, similhante phenomeno exagera-se com violencias equatoriaes; nem gelados nem discrição, logram attenuar-lhe os impetos—é soffrer ou partir. Eu parti.

Não imaginam que simplicidade hollandeza de *toilette* e que frescura de linhos, expendidas em *vestons* sem forro e pantalonas sem feitio!... Botões de madreperola do diametro de relogios, altas polainas atando na perna por correias em cruz, o cinturão de coiro com cabaça para agua, chapéu tyrolez e bordão ferrado, tendo a mochila dependurada na ponta. Sobre isto, excellente saude, pouco dinheiro, muita alegria e nenhum peso de consciencia. Magnifico ser novo e saber desprezar os tolos, pois não? N'estas digressões de andarilho só me entristece não levar alguém ao lado.

Tenho amigos, mas são os peores inimigos de que dou signal—e por esses cafés, tabacarias e alamedas, dando-nos o tu da leal camaradagem, trocando charutos, rindo e

enlaçando os braços, é de vêr com que risonha perfidia nos sabemos detestar reciprocamente. Esta hostilidade sagaz, enluvada e fina, que se chama ahi confraternisação litteraria, e sob cuja egide se dão jantares no Gibraltar, elogios nas gazetas, e impagaveis desandas em conclaves reconditos, não passa d'um voltarete elegante, ganho pelos que sabem rir, e sempre pago pelos que esverdeiam de coleras refreadas. Resumindo, parti só. Junho, sabem, quando empalidecem os trigos espigados e seccos, as cigarras chiam nas oliveiras, e o azul é caustico. Começam pela provincia n'esse tempo romagens aos rusticos eremiterios, e as feiras de gado chamam a turba-multa dos lavradores e maioraes.

Portas fóra, as mobílias da Baixa abalavam raras ainda, caminho dos oasis burocratas, Sete-Rios, Campo Grande, Bemfica e Lumiar, em que todo o bom official de repartição, merceeiro ricaço e tisico pobre, vão tonificar-se pelo bom ar dos campos, sem deixar todavia os seus mesteres intramuros.

O typho fazia já propaganda por esses bairros, nas azas do miasma evolto de toda a banda, das portarias surdas, das consciencias gangrenadas, das loterias da Misericordia, dos quarteis, dos tribunaes e dos canos.

Theatros fechados, livrarias ás moscas, tudo esbaforido, e soldados parando ás esquinas a soletrar grandes cartazes, annunciando—*O Hereje*, as *Machinas de Familia* (?), *A Orgia*, e o *Fiacre n.º 13*, que segundo me contam é revolucionario tambem—e modonho, c'os diabos!...

O campo em junho, despoetisa-se no paiz cerealifero. Grandes zonas amarellecidas de seara, pastos seccos

vestindo a charneca, barrancos sem poça d'agua, silvados deixando pender as amoras em cachos, e toda a legião de migradores que veem de cruzar o Estreito, rolas, cegonhas, cucos... Nos montes de rocha, murtaes irrompem d'entre penedos calvos; os alecrins dão flôres em espiguilhas esguias; ascende a vinha arvores acima, vestindo os troncos em pampanos esplendentes; estão copadas, metallicas e redondas de folhagem, as figueiras picadas dos primeiros capa-rôtas. E á margem das ribeiras, nas terras gordas e marnosas, os meloaes expandem-se em fructos de meridianos finos, traçando de antemão as bellas talhadas a partir nas melancias rubras e frescas, e n'esses ricos melões de cheiro, que em jantares de cerimonia tanta pessoa séria teem compromettido. Depois aboboras, frades, gilas, descansando em feno á borda das rigueiras, e picando a monotonia dos caules cellulosos, que rastejando vão na terra sequiosa das hortas. Todo o pomar maduro—laranjaes florindo para os fructos novos, e mostrando ainda pendentes os fructos velhos; a interminavel colonia das ameixas e abrunhos; os damascos de fallas mansas e contactos velludosos; a pera ventruda e monotona de casca; a ginja e a cereja tão pittorescas e picantes á paizagem e ao paladar. E fechando cortejo...

Os pecegos!...

Adorei já uma mulher que gostava d'elles, e tinha uma graça infinita a mordel-os com os seus brancos dentinhos de roedora. Se tomando-lhe a barba com as pontas dos dedos, dôcemente a forçava a vergar-se toda nas costas da cadeira, para na concha rosea da orelha lhe depôr algum segredo irritante, a sua vermelha bocca gottejante dos

succos perfumados, matava-me de sêde e endoidecia-me d'amor. Pobre quinquilharia loira!... Tamanha voracidade a possuia ante esses fructos voluptuosos e quentes, que d'uma vez enguliu os caroços e partiu para o cemiterio.

Na sua cova, como lição a incautos, viridente pecegueiro todos os annos carrega de fructos, brotado d'esse corpo que foi vaporoso como uma nudez de Fragonnard, e branco da inexplicavel brancura que dir-se-hia feita com primeiras *nuances* de hortensia, pennugens ventraes de cegonhas, e corações de rosas brancas.

Como peregrino, que de logarejo em logarejo e cabana em cabana, vai seguindo em busca de alguém que lhe foge, assim de bordão e esclavina como a bella D. Auzenda, eu me aventuro por esses campos e terreolas, fazendo sésta nos moinhos, convivendo com as boiadas leaes, pernoitando nas eiras sob o olhar das estrellas, passando a vau os rios, cruzando estradas, e detendo-me a colher ás horas de sêde torrida, os medronhos bravios das espessuras. Esta existencia de cigano reconforta-me e endurece-me. Tenho a pelle tostada, crescida uma grande barba, e os musculos das pernas e braços, estriados como um aço de rija tempera. Janto o rolão corneo dos cavadores, sardinha salgada com um pichel de vinho alemtejano por cima. Não leio jornaes, o que explica a singular lucidez que em mim refloresce a espaços.

Todas as manhãs, o sol me encontra de chapéu na mão e assobio de melro, nas chapadas adustas que os valles dominam, como pulpitos sobre as naves rumorosas dos templos. De redor de mim, esfarrapam-se as gazes da nevoa matinal; serranias confusas nos longes; faias,

salgueiros e platanos desenham a curva sinuosa das ribeiras, onde o rebanho converge a beber manso e manso, n'um rhythmo de chocalhos distantes. E sobre laivos verdes de vegetaes rasteiros, tons pardos de olival, pedaços de seara madura, cannaviaes e hortejos, andam esparsas em pulverisações de branco, as casinholas de montes, aldeias, moinhos e conventiculos.

Os gallos tocam alegremente a alvorada; vão lá baixo trabalhadores de chapeirão e alforge; tudo canta, sol, gallos, velas de moinhos, gente que passa, quem vòa nos ares, quem saltita nos ramos, quem de pedra em pedra corre no fundo dos limos verdes, quem nos fios telegraphicos vibra, e até quem chora—tão phantastica a resonancia d'esta cupula cérula, extasiada na luz do sol occidental!

Na travessia emprehendida, aponto as differenças do typo, os usos, a emphase de linguagem, os vestuarios, as habitações, os processos decorativos de interior, a hospitalidade para estranhos, côr de pelle e vivacidade ingenita de cada povo e provincia. Ha contos populares, que começam devotos no Minho e acabam equivocadamente no Algarve.

O tom das cantigas, em que se surprehende a indole, crenças e viver intimo das gentes, decresce em alegria de norte a sul, e occidente para oriente, á medida que nos vamos afastando da agua, que a vegetação é mais secca, a terra arida, menos profusos os rios, e mais distante o oceano.

Comparo a *Canninha Verde*, o *Verde-Gaio* e as *farandoles* das romagens do Minho e Douro, com a monotonia

repassada de tristeza, vagarosa e funebre, das cantigas do Baixo-Alemtejo; e sinto através d'ellas o *paiz* extremado-se em zonas de cultura menos e menos profusa—no Minho as risonhas veigas ensopadas de agua, inteiramente em cultura, verduras radiantes á luz de um sol claro, humidas de bruma matinal, toda a erupção da vida esparsa em fremitos por uma população enorme e fecunda, que é bella e sadia, com o instincto colorista que em vestuarios garridos, dá a essa paizagem exuberante, accessorios maravilhosos—no Alemtejo, charneca quasi sempre, arida, interminavel, retalhada a siroco, reverberando no verão ardores mortaes, n'uma luz crua que vai crestando implacavelmente as epidermes e os olhos. E aqui começam as difficuldades da vida pela inclemencia hostile do meio, faltam as pescarias que são fartura e felicidade, falta a carne, as ricas hortaliças, grande parte dos fructos.

Diluida n'essa área formidavel a população rareia, deixando a agricultura sem braços. Em pontos a raça é mal cruzada pela fatalidade dos casamentos consanguineos, impostos pela distancia que medeia entre povoado e povoado, e ainda porque quasi sempre, aldeias e villas tiveram por nucleo uma familia ou duas, enfraquecendo-se a descendencia pelo mau passadio, e regressão a um mesmo typo uniforme, de certas em certas gerações. Outra vegetação implantada n'outro solo, começou porém a surgir passo a passo, um dia, não sei quando, depois de longo caminhar. Scintillava ao largo um espelho caustico, movediço e sem balisas. Veio o pinhal em massas desconformes primeiro, e após rareando em avançadas, contra a grande areia relampejante das dunas. Mudava o

clima, adoçando-se de humidade salgada, dos cheiros da maresia e resinas da floresta. E sempre ante mim essa coriscação da agua sem termo, espumando nas cristas, e tendo a bocados, mosaicos de azul e ouro. Na altura em que ia detive-me então commovido, a olhar por tempo a feerica decoração assim extraordinariamente atravessada de luz. E tirei reverente o meu chapéu, para cumprimentar o Oceano.

A convivencia do mar, profunda e larga, faz o homem bom, e simples o espirito, pela contemplação d'essas superficies tranquillias e azues, imagem da pureza e da força, sobre que os olhos vogam idealmente, como medreporas em villegiatura. No mar ha um extraordinario mundo de sêres pittorescos e fecundos, cortados nas fórmias mais caprichosas, e cheios dos mais bellos cambiantes. E as povoações littoraes, risonhas na penedia e na areia, com as succursaes fluctuantes dos barcos de pesca e das rêdes, offerecem aos nervos do *touriste*, finas sensações que o desenervam d'essa vida cardiaca e brusca dos centros cultos, que faz velhos os homens de trinta annos, e cynicos os que não teem ainda barba. Porque estamos n'um periodo secco, analysta e vertiginoso, que leva á loucura os mais delicados, e a desalentos senis os mais robustos. Não contentes de disseccarmos os outros, de os desfibrarmos por uma especie de sensualidade, no intimo das suas sensações, das suas ideias, dos seus vicios e dos seus males, vamos tambem pondo a nú pelo escalpello o nosso organismo, viscera a viscera, nervo a nervo e vaso a vaso, buscando o segredo da vida nas experiencias do amphitheatro, querendo sentir pelo requinte de descrevermos a impressão, querendo soffrer para

viviseccarmos as nossas dôres, n'uma crueldade consciente que fatiga e mata. Vejam as obras de arte modernas. Foi-se a idealisação translúcida dos bellos corpos perfeitos e brancos, foi-se o requinte aristocrático das paixões académicas e nobres, em que as figuras ostentavam, nos quadros, nas estatuas, nos poemas e romances, attitudes gloriosas, harmonicas, reguladas e altivas. Por ellas, só o bello vivia, eram heroes os homens, a vida não se convulsionava em miserias torpes, o proprio vicio era bello e a desgraça *sympathica*. Agora não! Cada artista fixa na tela, no livro ou no marmore, o que vê, e ás vezes o que só consegue attingir por um illuminismo interior, posto ao serviço de resolver algebricamente o complicado problema *psychologico*.

Deixando de consagrar-se exclusivamente aos regalados do mundo, nobres, opulentos e reis, para descer á generalidade das massas e baixas classes, a obra de arte tem, para ser util, de ser sincera—e para ser sincera, de copiar a vida laboriosa, mortificada e doentia das populações modernas, os *ateliers*, as fabricas, os bordeis, a rua, *ménages* tristes de burocratas, e todos os enrodilhamentos da promiscuidade mendicante, coberta de vermine e de pustulas—essa vida que calleja as mãos, *atrophia* os membros, escava as *physionomias*, macera as *epidermes* e perturba o jogo da circulação, que faz do cerebro uma monstruosidade *pathologica*, pela actividade sem repouso que lhe imprime, definhando as mais visceras em proveito da sua avidez de funcção, fazendo chispar de encontro a tudo, essas centelhas que a certo ponto

condensadas são o genio, de cujo exacerbamento resultam a loucura e a morte.

Esta violencia de arte embota os sentidos depressa, gastando precocemente as molas intimas dos espontaneos impulsos, da dedicação, da abnegação, do amor e da coragem, tornando o homem n'um sêr artificial e mecanico, com pontos de vista scenicos nos seus movimentos e discursos, desconsoladamente egoista e cynico. Não ha força nervosa que resista a este abuso de vibração, e dias ha em que as ideias se nos varrem, uma ignorancia imbecil nos estrangula, e brumosas tristezas de carcere vem descendo aos nossos olhos e aos nossos labios, no lethargico cansaço que chega sempre, após semanas de mentalidade exagerada. Ficamos então com ar de sonambulos, olhamos sem vêr, tudo doe, um desespero surdo nos tortura. E o estomago não digere bem, o pulmão recusa-nos a sua mecanica de folle, o sangue é tumultuoso, um pulso cortado de silencios, doem as articulações, doe-nos a cabeça, doe-nos tudo—é um aniquilamento sombrio, um odio contra livros, contra deuses e contra homens!

N'estas crises morbidas da alma na besta, nada como a intimidade das aguas, para reconstruir, para reconduzir, para repousar. Faz-se em nós uma limpidez provocada pela serenidade impeccavel do mar, extenso e liso como um espelho magico. Quando muito ás vezes, uma ellipsoide de espuma fervilha no dorso de alguma aspiração mais rebelde, desejo, orgulho refreado, dissabor ou paixão—como a vaga que destacando pura da granda massa, se orla de branco ao rebentar na praia.

Com que quietação interior me não estendi então nas areias, coberto de poeira, coberto de azul e bemdizendo tudo! Não me lembro em que ponto da costa isto foi—mas era magnífico.

Que vastidão de paisagem, que deboche de azul, que luz irradiante!... Para um lado iam agrupamentos plutônicos, penedias a prumo, esburacando em cavernas sonoras da onda que ia e vinha, chapinhando e refluindo. Promontórios irregulares saíam da grande mole côr de ferrugem, em trombas que se alongavam para beber. Da esquerda, planuras de areia faiscavam em circo, a chicotadas de sol. Deante o mar, e a duna cortando a retirada por último, onde phalanges de pinheiros socegradamente bivacavam. Sobre uma insula escalvada em pinaculo, o pharol saíia da agua, negro no ceu luminoso, e expandia-se na plataforma da lanterna em setteiras aluidas, com agudas torrelas nos cantos.

Era assim um dedo de colosso, sobre cuja unha roida aos gritos, vortilhando por centenas, aves marinhas vinham pousar com tremuras de azas, goelanos, alcyons, gaivotas, andorinhas do mar... Os pescadores lançavam cantando ao largo, as suas rêdes. Vinham sobre a agua badaladas de algum sino mysterioso. Todo esse viver feliz, sem rebeldias nem artificios, me commoveu pela simpleza, pela probidade, e graça primitiva e rude. Tive uma saudade aspera, não sei de que outra existencia vivida por mim, por meu pai, ou qualquer da minha raça, em não sei que tempos historicos e esquecidos. Sentia como uma volta á patria, reconhecia as fórmãs, e tornava a respirar nos ares perfumes amigos, que me extoxicavam de uma especie de

innocencia e de uma especie de alegria. A minha actividade era repartida entre as companhas dos barcos de pesca, longas palestras no barracão do salva-vidas, ou a concertar rêdes á porta das cabanas. Assim eu aprendi a vêr e a recompôr esses grandes typos do mar, fulvos e crentes, com os seus olhos pequenos de pupilla inquieta, japona azul nos hombros quadrados, pernas nuas, barba rara, ageis e gigantes, com uma profunda melancolia de face. As linguas da onda vinham lambendo a praia humildemente, como um cão fiel que afaga o dono. Em bandos, os pequenos nús rolavam-se na areia, ou faziam de mergulho espadanar a agua. E eu sem saber qual mais puro e transparente, se o céo se o mar! Á noite recolhia as minhas impressões rabiscando o *carnet*, e no palôr sonambulo da lua, dormiam as cabanas acalentadas pela voz do Oceano e a lanterna girante do pharol encandeava as aves do mar, fazendo-as suppôr que era o dia a romper.

Tres mezes assim. Quando uma noite despertei ao estrepito das vagas. A bruma viera, fazendo deslocações de fumarada compacta, cinza claro pelos efeitos da phosphorencia, que fazia do mar um *punch* em flamma, que a colhér do vento fosse remexendo procellosamente. E em revolta a agua urrava, tripudiava nas cavernas, soluçava, cantava e ria. Praia fóra, despertados de chofre, os pescadores gritavam em côro, não achando os barcos na amarra. Ia começar o mau tempo. Eu tinha alinhavado este livro nos ocios da bella estação que se morria. E n'essa manhã parti.

---

# OS NOVILHOS

## Índice de conteúdo



Vespera de S. João, na aldeia[2q].

As doze pancadas do sino acabavam de dar por uma quente noite de estio, luminosa de lua e perfumada de fenos. Nada mais dôcemente calmo, que a contemplação da paizagem de vinhas e olivedos que se gozava na ladeira da aldeia, caminho da fonte. No cimo da encosta, a fachada da igreja estendia sobre o azul pallido, as agulhas brancas das torres, onde, attenta a santidade da hora e da vespera, nem as corujas soltavam pio.

Conforme o uso, quando a ultima badalada tocou, as raparigas em cabelo, capellas de jasmins no penteado, de que pendiam pequenas ameixas rosadas e peras de Santo Antonio, saias curtas garridamente enfeitadas de vermelho, pés ligeiros e um borboletear de cantigas que envergonhavam nos campos os rouxinoes das balseiras, puzeram ao quadril as quartas de barro, e aos pares, trocando confidencias, desceram pelo correjo até á fonte. A fonte era o monumento da aldeia, com o seu largo boccal de feição biblica, boa pedra vincada pelos fundos dos cantaros, amplos cadeirões de granito em redor para quem chegava cansado, uma dorna inclinada onde bebia o gado, e meia penumbra tremula, de chorões e pimenteiras.

Vespera de S. João á meia noite, a agua das fontes é santa, santa como os remedios efficazes, como a benção nupcial que um velho padre estende aos noivos, como os vestidos e os bentinhos das imagens, como a cruz dos adros

assim, é arena de fricções entre espetáculo e esforço, ornamentação e fadiga, promessa e esgotamento.

O Morgado e Abandono do Pombal mostram o desgaste de estruturas agrárias diante do mercado e da mobilidade social. Os Novilhos convertem a força animal em mercadoria, evidenciando um corredor produtivo que liga pastos a açougues e mesas citadinas. Essas transições expõem a centralidade da intermediação, do crédito e do preço, deslocando a honra estática do título para a fluidez do contrato. Sob esse regime, identidade de classe passa a negociar-se em gestos, objetos e endividamentos, menos na herança de sangue e mais na capacidade de circulação.

Jantar no Moinho e A Indigestão tratam do prazer como consumo regulado por maquinaria, etiqueta e fisiologia, sinalizando um lazer industrializado e, por vezes, tóxico. O Roubo aponta a precariedade que o acompanha, quando a sobrevivência depende de atalhos à margem da legalidade. O Homem da Rabeca encarna o trabalho cultural informal, instável, enquanto Mephistopheles e Margarida dramatiza desejos moldados por vitrines morais e econômicas. Madona do Campo Santo lembra que o preço da modernidade inclui resíduos humanos, e Mater Dolorosa sublinha a ausência de amparo coletivo para quem cai fora do compasso dominante.

## **Pergunta 4**

**Que função têm motivos musicais e sacros na arquitetura emocional destes contos?**

Symphonia de Abertura organiza a leitura como partitura, definindo entradas, pausas e crescendos que

retornam em variações. O Homem da Rabeca traduz esse princípio à escala popular, onde a música de rua ritma passos, esmolos e encontros. Noite no Rio amplia a orquestra com ruídos aquáticos e urbanos, fundindo timbres naturais e mecânicos. A música funciona como tecnologia de empatia e de distância: aproxima ao partilhar uma pulsação comum, mas também coreografa o olhar, determinando quando suspender, acelerar ou abafar a emoção diante do que é narrado.

Motivos sacros intensificam e calibram a afetividade. Mater Dolorosa convoca uma gramática do luto que distribui papéis de culpa e consolo, enquanto Madona do Campo Santo funde devoção e topografia fúnebre para instaurar uma acústica de silêncio. Mephistopheles e Margarida contrapõe canto profano e catequese, operando como contra-canto moral que corrompe ou redime timbres. Esses elementos não se limitam a decorar a cena: modulam a leitura, atribuindo densidade a gestos ordinários e elevando a tensão ética ao registrar como o sagrado intervém naquilo que a cidade permite sentir.

Objetos e rituais criam refrões que ecoam musical e liturgicamente. A Camisa introduz um motivo temático que retorna por contiguidade tátil, como leitmotiv íntimo. Jantar no Moinho estrutura-se em andamentos de serviço e apetite, e A Indigestão quebra a cadência com uma dissonância corporal. O Roubo compõe uma síncope narrativa, interrompendo expectativas. Os Novilhos fornecem um compasso processional, o Morgado mantém um tempo mais grave, e Abandono do Pombal encerra com

andamento elegíaco. Tais padrões organizam emoções, controlando intensidade, repouso e eco entre os contos.